

Paisagem, horizontes e infinito

Marisa Flórido – Jornal do Brasil – RJ – 5.11.2005

O infinito não se submete. Para além de qualquer fronteira, é sempre uma abertura e uma desmedida que nos ultrapassa. Ainda que se tente emoldurá-lo no horizonte de uma representação, de um conhecimento, de uma totalidade, é incomensurável. Se o infinito é o ilimitado, onde situar o horizonte, essa linha circular que limita o plano da terra e o céu, que coloca aquele que olha no centro do mundo que ela limita? Fuga que recolheria o infinito dos espaços e dos destinos, mas também de onde estes se derramam e extraviam?

Duas exposições estão no Museu de Arte Contemporânea de Niterói. *Horizonte do Provável*, que dá título à individual de Elida Tessler na varanda do museu, e *Poéticas do Infinito*, que nomeia a mostra com obras da arte contemporânea brasileira, em sua maioria da coleção João Sattamini. Esta última estabelecendo ressonâncias com a proposta da artista gaúcha.

Tramando-se nas confluências e nos desvios entre arte e literatura, arquitetura e paisagem, olho e palavra, a instalação de Elida entrelaça falas, horizontes e infinitos. Tendo como fio condutor e desviante a obra de Haroldo de Campos, *A arte no horizonte do provável*, a artista intervém nas reverberações circulares entre a arquitetura de Niemeyer e a paisagem da baía de Guanabara. Sobre a janela de vidro que se debruça sobre o mar e a linha do litoral, um “colar” constituído por pratos brancos e redondos. Sobre eles, 581 verbos no infinitivo constantes do livro do poeta estão impressos. Salto, interseção e corte na vertigem da paisagem: ao horizonte do olhar trança-se o horizonte da palavra, ao olho confunde-se a boca que fala e come. Tramas como a palavra grega que designa sábio, etimologicamente ligada a *sapio*, eu saboreio, a *sapiens*, aquele que saboreia.

Desfiando o livro, as páginas justapostas sobre a parede que faz face ao vidro formam o horizonte da escrita de 27m. Desfiando as páginas, as linhas compõem um único fio de 596m que, estendido sobre o litoral da praia de Boa Viagem, não superpõe mais que uma pequena fração da extensão do texto.

Como se fosse possível contabilizar o incomensurável: ao horizonte como destino das certezas, substitui o infinito como abertura ao provável. Pois os horizontes são ali esgarçados para que se tecam outras e mais teias. O infinito não é somente o imenso do universo que o olhar não alcança ou onde a palavra falha. Tampouco apenas as combinações inumeráveis que tal incansável tessitura promete. É justamente a fronteira, o hiato da relação com esse alguém que a palavra, na forma infinita do verbo, solicita que responda a seu apelo: dizer, olhar, mergulhar, emergir O infinito vem daquele estranho a meu horizonte e que me subtrai o centro. O infinito como essa abertura àquilo e àquele que me ultrapassa.

Abertura às possibilidades da arte resumiria a proposta da mostra *Poéticas do Infinito*. Com curadoria de Guilherme Vergara, ali estão expostas obras que introduziram um elemento desviante na tradição construtiva de nossa arte: de Lygia Clark a Hélio Oiticica, Antonio Dias a Antonio Manuel, Nelson Félix a Ernesto Neto. Obras não mais concebidas como objetos finitos e autônomos, mas que, ampliando a experiência artística, transbordaram fronteiras das categorias artísticas, diluíram os limites entre os vários saberes e campos da experiência, entre a obra, o artista e o espectador, entre a arte e a mundo. Ao propor fazer do museu "um laboratório de encontro de poéticas do infinito", traz um recorte da experiência de 8 anos da instituição: a exposição relaciona a coleção Sattamini a outras coleções, as obras à arquitetura, a geometria do museu à geografia e à paisagem onde se insere.

Poéticas abre a noção de infinito em 4 desvios: o jogo como lógica e arbitrariedade que incorpora o acaso e a participação do espectador, a combinação de estratégias prévias com o inesperado do lance. A dobra como movimento e pretensão ao ilimitado do espaço, como introdução do tempo e da vivência da obra. O labirinto como o fascínio dos artistas pelos desertos e mapas, confrontando a ilusória codificação dos espaços ao nomadismo incerto dos destinos humanos. A rede como conexão de pontos e entrecruzamento de tramas, do próximo e do distante, do justaposto e do disperso: potência infinita que "expande as micro e as macro-relações" da vida. Como conclui o curador, "a linha do horizonte não está distante, ligada a um ponto de fuga no futuro, mas é tocada na rede em contínua construção orgânica, presente e provável do infinito".